

## EM REDE E À MARGEM: ECOLOGIA, COMUNICAÇÃO E SEXUALIDADE

Ana Cristina Teodoro Silva

**Resumo:** O texto é fundamentado em discussões contemporâneas a respeito de três objetos: sexualidade, comunicação social e cultural, ecologia. Cada um desses três objetos foi constituído tradicionalmente dentro de binarismos que contrapõem masculino e feminino, emissor e receptor, homem e natureza. O objetivo é mostrar que é possível romper com os binarismos normativos, constituindo um campo convergente de pensamento. A partir da exegese de textos fundamentais de cada área, exercitando o pensamento analógico e o método da complexidade, identifica-se uma tendência: considerar a integração de polos normalmente opostos e admite-se atuar com paradoxos, como por exemplo estar ao mesmo tempo em rede e à margem. Entende-se que indicar essa tendência movimenta possibilidades para o conhecimento, para a Educação e para a política.

**Palavras-chave:** Sexualidade, comunicação, ecologia.

### En red y en margen: la ecología, la comunicación y la sexualidad

**Resumen:** El texto está fundamentado en discusiones contemporâneas acerca de tres objetos: sexualidad, comunicación social y cultural, ecología. Cada uno de estos tres objetos fue constituído tradicionalmente desde binarismos que contraponen masculino y femenino, emisor y receptor, hombre y naturaleza. El objetivo es mostrar que es posible romper con los binarismos normativos, constituyendo un campo convergente de pensamiento. A partir de la exégesis de textos fundamentales de cada área, ejercitando el pensamiento analógico y el método de la complejidad, se identifica una tendencia: considerar la integración de polos normalmente opuestos y se admite actuar con paradojas, como por ejemplo estar al mismo tiempo en red y en margen. Se entiende que indicar esta tendencia mueve posibilidades para el conocimiento, para la Educación y para la política.

**Palabras clave:** Sexualidad, comunicación, ecología.

### Connected and marginalized: ecology, communication and sexuality

**Abstract:** The text is based on contemporary discussions about three objects: sexuality, social and cultural communication, ecology. Each of these three objects was traditionally constituted within binarisms that contrast male and female, emitter and receiver, man and nature. The objective is to show that it is possible to break with normative binarisms, constituting a convergent field of thought. From the exegesis of fundamental texts of each area, exercising analogical thinking and the method of complexity, a tendency is identified: to consider the integration of normally opposing poles and to act with paradoxes, such as being at the same time connected and marginalized. It is understood that indicating this tendency moves possibilities for knowledge, Education and politics.

**Keywords:** Sexuality, communication, ecology.

A hipótese norteadora é que há elos e convergência entre fundamentos de áreas tradicionalmente distintas, indicando tendências de pensamento inspiradoras para o conhecimento, à Educação e à ação política. Aqui, serão trabalhados três objetos: primeiro, a Ecologia, entendida como uma visão de mundo que tem por fundamento a integração do ser humano com seu meio, seja ele orgânico, inorgânico ou social. Segundo, a Comunicação social e cultural, quando compreende que nos comunicamos em rede, e esse fenômeno não é meramente tecnológico, trata-se da horizontalidade das trocas que criam e recriam signos indefinidamente, superando o esquema transmissão-recepção, no qual um expressa algo para um público passivo. Terceiro, a sexualidade e o sexo como construções sociais e culturais, reconhecendo-os como objetos normalmente enquadrados em uma lógica heterossexista, coincidente com a ordem social legal e burguesa. Os três objetos aqui exemplificados sugerem confronto com uma moral, preservada por instituições

sociais, que não se mostra suficiente às demandas atuais. O questionamento é ético, pois questiona a moral, é visto como diferente, posicionado à margem, confronta a ordem e desorienta.

O argumento procura mostrar que a abordagem dos três objetos, cada um em seu campo, seguiu caminhos que geraram um ponto de intersecção o questionamento das dicotomias, o questionamento a oposições entre, por exemplo, homem e natureza, emissor e receptor, masculino e feminino, que geram posicionamentos conservadores ou mesmo polarizadores, insuficientes aos desafios contemporâneos. Aqui, ressalta-se o errante e o marginal, posições ricas em potenciais e criatividade, portanto, fontes de conhecimento e fundamentais em processos educativos e políticos! Pretende-se que a percepção da conexão existente nas tendências contemporâneas de pensamento elencadas seja inspiradora à reflexão sobre processos pedagógicos e contribua para valorizar a margem ou os entroncamentos, os espaços/tempos “não produtivos”, como geradores de ações, questões, possibilidades.

Os argumentos a seguir propõem que reflexões contemporâneas sobre a sexualidade oferecem uma premissa adequada à reflexão sobre a ecologia. Da mesma forma, uma compreensão contemporânea da ecologia implica na aptidão em pensar fenômenos da comunicação. Pretende-se mostrar que ecologia, comunicação e sexualidade tramam um espaço comum, seus sujeitos estão conectados, dependentes de um ambiente.

Caso essa hipótese esteja correta, indica uma possibilidade ou mesmo uma urgência de reorganização dos saberes. Muito mais que a reinterpretação de tabelas, cursos e disciplinas, indicaria outras possibilidades de pensamento, de percepção, que já vem sendo explorada nas artes. No que diz respeito aos processos educacionais, tal hipótese alteraria o que se entende por aprender, que não estaria associado a uma erudição cumulativa, e sim ao sujeito que se movimenta, que compreende e estabelece relações.

As empresas e trabalhadores de mídia estão já há décadas experimentando novos formatos de sons, escrita e imagens, que são cada vez mais integrados e intercambiáveis, gerando questionamentos fundamentais sobre o processo de produção e criação das mensagens, como creditar autorias, como aproveitar a possível interação com o público. Tais práticas, que estão a ser pensadas, têm expressões correlatas nas relações sexuais, na atuação ecológica e na reflexão entre a natureza e a cultura.

### **Ecologia, ciência e pensamento**

No título deste texto, foi utilizado o termo ecologia, e poderia ser natureza. Estamos tão habituados a separar as coisas humanas da natureza, que a própria palavra natureza tornou-se zona de desconfiança. Parece superficial discutir a “natureza humana”, mas não vemos problema nenhum em discutir a “relação do homem com a natureza”, como se fosse possível qualquer ação humana que não fosse também natural. Há ações humanas fundamentais que não conseguem ser catalogadas ou como naturais ou como culturais (MORIN, 1973; MATURANA & VARELA, 2003). O saber psiquiátrico e psicanalítico, após Freud, não permite distinguir fronteiras bem delineadas entre o fisiológico e o cultural. As reflexões atuais sobre sexualidade também apontam para a impropriedade da separação entre comportamentos naturais e aprendidos.

A formação em Ciências Humanas, no Brasil, tradicionalmente ensina a combater em seus estudos arranjos com o conceito natureza por temer a imposição, às humanidades, de paradigmas de investigação desenvolvidos para a investigação da natureza. Caso agíssemos assim, entenderíamos que as ações humanas podem ser previsíveis e mecânicas. Entende-se que a natureza, mirada neste paradigma como o outro não humano, é previsível e mecânica. Quando acontece o que como seres humanos percebemos como uma catástrofe, é comum perguntar como não foi prevista e contornada.

Serge Moscovici une Comte e Marx no otimismo quanto ao progresso e na confiança na perfeição da natureza humana. Tais teorias da sociedade começam por separar humano e não-humano, cultura e natureza. É comum que religiões e ciências sociais tratem a natureza como se ela fosse anti-humana e anti-social (MOSCOVICI, 2007, p. 158; 177).

Todo ser vivo, sintetiza Edgar Morin (s/d), desenvolve-se, em sua história de espécie, com a intervenção da desordem, da indeterminação e do acaso, ao contrário do que costumamos pensar. Necessárias para a auto-organização, desordem, indeterminação e acaso são características de uma organização superior, que envolve flexibilidade para adaptação, acomodação e mesmo criação. A desordem é ameaçadora, porém ela nos oferece arranjos aleatórios, surpreendentes. Os animais, para este autor, cooperam, ameaçam, submetem, jogam, fazem amizade. A sociedade é comum na natureza e não é uma criação humana. A paleocultura pressionou o desenvolvimento do cérebro do Sapiens, e a cerebralização, por sua vez, privilegia o desenvolvimento complexo sócio-cultural.

Foi (e é) realmente um grande esforço histórico deixar a natureza de fora dos assuntos humanos, e o custo é altíssimo. O sono, o sexo e o alimento, assim cruamente representados, parecem questões menores que sujeitam seres inferiores, como os “distantes animais”. Não gera estranhamento, hoje, ouvir que dormir é perda de tempo. O alimento pode ser uma compulsão ou uma ração rápida, que não se sabe de onde veio. Passa a interessar apenas quando afeta a saúde pessoal, ou nem isso. Da perspectiva da gestão pública, políticas educacionais e de fiscalização dos alimentos são desenvolvidas quando o gasto com os problemas de saúde da população passa a ser astronômicos. Muito interessante que o campo da sexualidade seja dos mais vigiados e dos que mais geram discurso (FOUCAULT, 1979).

O conhecimento racional teria resolvido boa parte de tais questões fundamentais: facilitou a produção de alimentos, produziu remédios que induzem ao sono, liberou a sexualidade. A potência ideológica direcionada a manter a imagem do homem como ser prioritariamente racional é imensa, nosso sistema educacional é fundamentado nessa ilusão.

A concepção moderna gerou e disseminou o entendimento de que homem e mundo, ou homem e natureza podem ser vistos separados. O homem passa a ser visto como o centro fundamental das coisas existentes. A razão humana é entendida como o instrumento adequado para o conhecimento da natureza, os procedimentos de conhecimento da natureza, portanto, são aqueles racionalmente possíveis, como a indução e a dedução. A natureza é um obstáculo a ser ultrapassado, é matéria prima bruta a ser transformada, lapidada, consumida. Keith Thomas narra a história de como religião e moral, na modernidade, buscavam domar o animal dentro dos homens. O espírito deveria ser superior ao corpo, o corpo deveria ser moderado, para distinguir-se dos animais, impulsos físicos eram impulsos animais (THOMAS, 1988).

A separação homem x natureza é compatível com a separação alma x corpo. O homem é alma e terá sua recompensa posterior à morte. A natureza, logicamente, não tem alma. Thomas persegue, em seu livro, o surgimento de uma visão não utilitária com a natureza. Porém a visão de mundo utilitarista persiste. Já em 1969, a ONU e União Internacional Pela Preservação da Natureza definiam “preservação como ‘o uso racional do meio ambiente a fim de alcançar a mais elevada qualidade de vida para a humanidade” (THOMAS, 1988, p. 358). Serge Moscovici (2007) ratifica que notoriamente as sociedades modernas formaram-se, em sua maior parte, contra a natureza, explorando-a e transformando-a pela violência.

O professor Lauro Barbosa nos redime lembrando que a ciência estuda o diálogo dos homens entre si e dos homens com a natureza. Identifica na origem das ciências uma resposta à admiração causada pelo mundo (BARBOSA, 2005). A cosmologia moderna já foi alterada pela ciência, há quase um século sabemos que mesmo o sol não é o centro, que o universo está em expansão e parece ser finito. Porém, a visão de mundo relativa à cosmologia anterior, de Copérnico e Galileu, continua hegemônica. Assim, opõem-se cultura e natureza, razão e emoção, aprendemos a conceber o mundo por pares: ou claro ou escuro; ou alto ou baixo; ou grande ou pequeno.

Raciocinar por binarismos gera um grande limite epistemológico. Não somos razão ou emoção, matéria ou espírito, cultura ou natureza. Somos razão, emoção, matéria, espírito, cultura e natureza. Ao mesmo tempo. Com todas as zonas intermediárias, com todas as ligações possíveis, com direito a ir e vir, avançar e retroceder. Urge que nos reconheçamos como seres da natureza, o que não significa sermos como um relógio, e também não significa sermos predestinados a algo. Somos no corpo, no planeta, no espírito – ou, para quem preferir, no imaginário, na mentalidade. Não são sinônimos, mas interessa aqui sua intersecção, que permite continuar com o argumento que se considera suficientemente forte para que procuremos não cair em binarismos estanques, aliás, esforço errante.

Nós somos constituídos de matéria estelar, nossos minerais são os mesmos das plantas, das águas, nosso código genético é muito semelhante ao de um rato, nós agimos como bichos, esta lista poderia ser interminável. Outro binarismo a ser rompido é o fora x dentro. Qual funcionamento está apenas dentro de cada um de nós? Qual elemento está apenas no “mundo exterior”? (MATURANA & VARELA, 2003). Perceber tais relações e sincronicidades propõe um universo em construção, absurdamente interessante e poderoso, com o qual não cabe relação de dominação, mas sim de respeito, diálogo e encantamento.

Perceba-se que o pensamento ecológico, que parte da indissociabilidade da natureza, homem e cultura, questiona o pensamento dicotômico. O raciocínio por binarismos e oposições gerou alguns equívocos. No que diz respeito ao gênero, o oposto de masculino seria feminino, com isso, torna-se necessário elencar uma série de características que são exclusivamente do homem/masculino em oposição a outras características exclusivas da mulher/feminina.

Lauro Barbosa da Silveira lembra o afeto dos animais e as interações semióticas das plantas com o meio. A respiração sobre a Terra conjuga plantas e animais. O homem é social e cósmico, em um diálogo que concilia espírito e corpo, natureza e cultura, razão e sentimentos, vida e morte. O pensamento é um predicado do universo, nós estamos em pensamento (SILVEIRA, s/d).

### **O lixo reciclável da sexualidade**

A partir do senso comum, o sexo e a sexualidade são percebidos como manifestações de uma natureza atemporal, imutável, perfeita porque idêntica a propósitos originais. O conhecimento sistematizado contemporâneo, neste ponto, contrapõe-se ao senso comum ao apresentar o desenvolvimento da natureza como integrado a formas de sociabilidade e cultura (MORIN, s/d; MOSCOVICI, 2007), não há como negar que características naturais, sociais e culturais não apenas dialogam, mas estão juntas em nossa filogenia, tendo sido separadas por conta dos limites da percepção humana em seu caminho de aprendizado.

Os jeitos de se alimentar, caçar, proteger, comunicar e, porque não dizer, amar, foram e continuam sendo constituídos na medida em que nos alimentamos, caçamos, nos protegemos, nos comunicamos e amamos, em agrupamentos que desenvolvem sociabilidades e arranjam culturas, na mesma medida em que tais sociabilidades e arranjos culturais constituem, em nossa longa história de espécie, respostas biológicas. Temos capacidades e potenciais biológicos que são, ao mesmo tempo, capacidades sociais, que se desenvolvem por meio da interação, dentro dos limites da espécie, limites esses, no entanto, flexíveis a adaptações e mais, a criações.

Desta maneira, o que vivemos hoje como sexualidade, as diferentes formas de manifestações corporais do sexo, da interação corporal, do desejo mais profundo, são formas constituídas em uma história que é natural/social, manifestada por arranjos culturais, cada uma das partes indispensável para que compreendamos nossa sexualidade, fruto de natureza, história, sociedade, cultura, comunicação, ao mesmo tempo.

Porém, tamanha flexibilidade não é facilmente aceita por grupos instituídos. Em nossa história, escrita e natural, as inovações nas interações são comumente vistas como desagradáveis, inúteis, ameaçadoras, desrespeitosas. Os indivíduos que vivem a função de manter o meio que garante a sobrevivência tendem a ser conservadores, afinal, também assim chegamos aqui.

A manutenção da ordem social é fenômeno complexo, consequência de toda uma trajetória de interações, tentativas, erros e acertos, que passam pelo teste do grupo, das normas, e podem vir a ser assimilados para, com o tempo, tornarem-se cristalizados, talvez inadequados a um outro contexto que surge inevitavelmente. Dá enorme trabalho justificar uma ordem, mantendo o desordenado à margem ou silenciado. Tanto que a manutenção da ordem é efetivada majoritariamente com o exercício do poder, entendido não apenas como o uso das prerrogativas das lideranças, o uso de meios violentos; soma-se a isso a convivência de subordinados, sujeitos – e essa palavra é muito esclarecedora, pois concilia ser sujeito com estar sujeito – ao poder e doadores de poder, participantes da malha que o possibilita.

Neste bojo, há os mecanismos de exclusão ou adestramento do que ou de quem questiona os arranjos alinhavados. Atualmente, as religiosidades africanas, os doentes, os desajustados, os homossexuais, os felizes e tantos outros precisam ser enquadrados em alguma explicação, normalmente binária. As diferentes formas que sujeitos de diferentes gêneros e grupos vivem sua sexualidade, em suas infinitas variações, questionam o poder envolvido na ordenação vigente. Considerar o que está à margem desloca o centro, têm consequências políticas, no caso dos gays, os

problemas gerados vão muito além das alcovas. Viver à margem é, em si, subversivo, mesmo que os sujeitos marginais não tenham nenhuma pretensão política.

Devemos muitíssimo às feministas que denunciaram em altos brados as muitas manifestações do machismo e o controle da história, como símbolo de poder, pelos homens. Cabe lembrar que o arranjo machista não é benéfico aos homens, não há porque carregarem sozinhos o fardo da história, com suas opções e tragédias. Ser sujeito privilegiado da história compõe o quadro de um ideal inatingível de homem: invulnerável, racional, objetivo, provedor, forte.

A partir da década de 1980, aproximadamente, são fortalecidas as discussões do gênero como uma categoria da cultura. A noção de gênero cumpre a função de retirar feminino e masculino do determinismo biológico com que vinha sendo pensado, ou seja, ninguém nasce homem ou mulher, somos constituídos (LOURO, 2006).

É comum distinguir papéis fundamentais a cada ser humano, ainda no ventre (“é menino ou menina?”), iniciando-se o processo de educação a um papel determinado. A partir da distinção de sexo, associa-se automaticamente a identidade de gênero: se é menino, será masculino; obviamente, se é menina, será feminina. Daí outra oposição: masculino x feminino, o masculino deve estar apenas nos meninos e o feminino apenas nas meninas. A partir da identidade de gênero, manda a norma, os costumes e as expectativas que se estabeleça a orientação sexual: menino masculino deseja meninas; menina feminina deseja meninos (LOURO, 1999).

Na lógica dos pares opostos com suas características elencadas, as mulheres são femininas, emocionais, próximas à natureza (que precisa ser domada, lapidada, civilizada, possuída). O homem é masculino, racional, ser da cultura (do intelecto, da objetividade, agente da história). Vimos que Keith Thomas (1988) compõe a história de como surgiu uma base intelectual contra a crueldade com animais. A caça e as brigas de galo eram associadas ao treinamento militar, à coragem masculina e a façanhas sexuais. As flores, por sua vez, foram associadas às mulheres, “beleza efêmera, inútil e decorativa”.

Não parece ser difícil imaginar porque a sexualidade é tão debatida e normatizada. A norma social prevê e prescreve homens masculinos que constituirão família com mulheres femininas e terão filhos e filhas que darão continuidade a esse arranjo, abençoado pela igreja e ratificado pelas lições escolares, livros didáticos e discursos midiáticos. A ordem social é mantida por meio de instituições como a Igreja, a ciência, as leis, a polícia, o governo, que usualmente têm consensos primários quanto a suas premissas. A heterossexualidade é uma premissa de outra instituição fundamental, considerada célula do arranjo, a família tradicional. Qualquer sexualidade diferenciada questiona, portanto, a família, a igreja e a escola, em seus formatos tradicionais, por isso tais diferenças são subversivas.

Investir um corpo de identidade é tarefa no interior da cultura e da linguagem, anterior à distinção do próprio corpo! Basta lembrar que não temos consenso sobre quando ou mesmo onde a vida humana tem início. Gênero e sexualidade são históricos, constituídos e limitados por relações de cultura e exercícios de poder. Judith Butler (1999) sintetiza afirmando que os corpos são constituídos para “materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”.

Abrir possibilidades no campo da sexualidade implica muito mais que esquisitices e provocações. Para Beatriz Preciado (2004), há conexões e articulações políticas entre raça, gênero, sexualidade, classe, nação, que entende, a partir da leitura de Judith Butler, como constituídas.

O campo do gênero é rico para pensarmos não em termos de isso ou aquilo, mas sim isso e aquilo (LOURO, 2006). Tal postura talvez seja mais adequada ao paradoxo, ao mutável, o transitório, o erro. Insere-se, assim, na crítica à lógica dos binarismos (masculino x feminino; cultura x natureza; emoção x razão...).

Esta perspectiva é coerente com o entendimento de que o poder não está no centro, nas mãos de alguns. O poder é exercido na teia da cultura, da sociedade, nas relações minúsculas, é expandido por uma capilaridade que lhe dá força de normalização e flexibilidade. Então, também por atitudes milimétricas, perturba-se a rede de poder.

Parte fundamental do movimento gay, chamado identitário, discute e celebra a identidade gay, com todo direito e justiça. Como já dito, devemos muito aos movimentos sociais em geral que, literalmente, “deram a cara a tapa” e mostraram mais um tanto de exclusões e problemas que o arranjo social aparente segregava. Os movimentos LGBTs lutam por identidades, por visibilidade e direitos iguais, lutas sem dúvida alguma pertinentes. Quando um gay quer casar, quer ir à Igreja ou quer que seu companheiro ou companheira tenha direito à previdência, está a reivindicar o direito ao pertencimento, o direito a fazer parte do grupo e de seus arranjos. Porém, para pertencer há que circunscrever, formar famílias, constituir matrimônio.

A partir dos desdobramentos das discussões de gênero, que por sua vez são um dos frutos das discussões feministas, surge a escorregadia noção de *queer*, atitude ou posição teórica. Não sem razão são críticos aos efeitos da normalização, da naturalização e entendem a linguagem como campo de poder, a produção discursiva é produção política e geradora de fatos sociais. Feminino e masculino seriam, assim, categorias forjadas para o entendimento e classificação, e não um fato evidente. Situar-se como homossexual ou heterossexual tem função ordenadora, porém simplista diante da complexidade das práticas, experiências e potenciais humanos.

Em inglês, *queer* é um insulto que significa lixo, “bicha”, perversão. Ao final dos anos 1980, subgrupos da “cultura gay” estão insatisfeitos com as políticas de identidade LGBTs estadunidenses e, como reação, apropriam-se da injúria para não serem integrados ou assimilados (PRECIADO, 2004). Assim desconstroem os limites das identidades homossexuais por meio das margens: bichas purpurinas, transgêneros, prostitutas, gays portadores de deficiência, lésbicas negras e latinas. Não tem cabimento em uma identidade, em uma descrição circunscrita.

Todo esse “lixo” produz uma estética própria, ou uma antiestética, negativa, feia, que inverte os valores entre cópias e originais (PRECIADO, 2004). O *queer* está presente de forma contundente na elaboração de corpos, do próprio corpo, corpos transformados constituindo certa estética e incorporando o rompimento de fronteiras entre o físico, o cultural, o sexo, entendidos como “produção biotecnopolítica”.

A sexualidade oferece um campo de reflexão e práticas que tendem a flexibilizar ou mesmo destruir os arranjos sociais cristalizados. Este movimento é altamente criativo, tem o potencial de construir alternativas a partir do diálogo, considerando as diferenças.

Refletindo sobre as calorosas questões da igualdade e diferença, dos direitos individuais e das identidades de grupo, Joan Scott afirma que “posicioná-los como conceitos opostos significa perder o ponto de suas interconexões” (SCOTT, 2005). Ações representando grupos desconsideram necessidades individuais. Porém, os indivíduos não são tratados com justiça quando o grupo ao qual pertencem, queiram ou não, não é valorizado. Ainda, os grupos, como os constituídos nos movimentos LGBTs, geram identidades, porém, ao mesmo tempo, dificultam a expressão da individualidade. E mais: as lutas por igualdade estão amparadas pelos mesmos termos excludentes da discriminação (ou o grupo é atendido ou o indivíduo é atendido). Scott alerta para o perigo em insistir em caminhos únicos, totalizantes, “ou isso, ou aquilo”. Na política – e, porque não ampliar, na produção do conhecimento – há que se reconhecer os paradoxos e trabalhar com eles:

há várias definições do que seja um paradoxo. Na lógica, um paradoxo é uma proposição que não pode ser resolvida e que é falsa e verdadeira ao mesmo tempo. O exemplo clássico é a afirmação do mentiroso: “Eu estou mentindo”. Na Retórica e na Estética, paradoxo é um signo da capacidade de equilibrar, de forma complexa, pensamentos e sentimentos contrários, e, assim, a criatividade poética. O uso comum emprega “paradoxo” para designar uma opinião que desafia a ortodoxia prevalente, que é contrária a opiniões preconcebidas. De certa forma, meus paradoxos compartilham de todos esses significados, porque desafiam o que, para mim, parece ser uma tendência generalizada de polarizar o debate pela insistência de optar por isso ou aquilo (SCOTT, 2005, p. 14).

Para elaborar “o enigma da igualdade” sem a perda da identidade, Scott opta pela tensão, que precisa ser situada historicamente e analisada de acordo com sua configuração política, e não por meio de escolhas morais e éticas atemporais.

“Meu argumento tem sido o de que a tensão entre identidade de grupo e identidade individual não pode ser resolvida; ela é uma consequência das formas pelas quais a diferença é utilizada para organizar a vida social”. Para Scott, a política é mais importante justamente onde os problemas são mais difíceis de resolver. A política lida com soluções que só podem falhar, deixando abertas novas possibilidades, ou a possibilidade de novos arranjos. Com isso, se lida com o perigo de soluções arbitrárias, totalizantes. Os paradoxos seriam, assim, o material da política e da história.

As normas relativas ao sexo realizam, tornam reais corpos a serviço da heteronormatividade (BUTLER, 1999). Aqueles que não se adequam às normas são excluídos. Os discursos não são a origem ou a causa dos corpos, o que ocorre é que não há um corpo-referente puro que não seja, ao mesmo tempo, uma formação discursiva. E aparece um paradoxo: o sujeito que resiste às normas é possibilitado ou mesmo produzido pelas mesmas normas. Seria importante refletir sobre os corpos que não aparecem, como contraponto necessário de existência àqueles corpos que fazem sentido. As mesmas premissas cabem às experiências de sexualidade que não são “normais”.

Dentro do arranjo teórico *queer*, é possível perceber que o gênero existe enredado das teias que o constituem. Procura-se, então, mostrar o tecido que permite a performance do gênero e da sexualidade (PRECIADO, 2004). Com isso, ocorre o questionamento tanto da cultura hegemônica, quanto do feminismo e da chamada cultura gay integracionista. Não é radical ser integracionista, é necessária a transgressão constante.

Por vezes, a reconstrução de identidades nacionais, de gênero e sexuais reproduzem essências que pretendem superar. A linguagem é sempre contaminada, nunca pura. A união de teorias *queer* e pós-coloniais geram análises do poder e da opressão que vão além da lógica binária da dominação. As identidades são “lugares estratégicos de ação política” (PRECIADO, 2004). O teórico deve estar disposto a arriscar sua própria identidade na prática. “Tornar-se um intelectual orgânico ou um homeopata político implica utilizar a própria subjetividade como terreno de experimentação”.

Ser *queer* é ser contra a normalização, viver à deriva. Arriscar-se, viver perigosamente. E ser assim alvo das pedagogias corretivas e de punições, reformas, exclusões (LOURO, 2008). Ser *queer* é desfazer binarismos, subverter expectativas. A lógica binária gera hierarquia, classificação, dominação, exclusão. O *queer* desloca, é excêntrico. Sua pedagogia é interminável, admite questões insolúveis, perturbações, estranhamentos, sujeitos “incoerentes” e “descontínuos”. Teórico da comunicação, Gregory Bateson afirmava, que “o conservadorismo está baseado na *coerência* e na *compatibilidade* e esses caminham juntos com o que denominei (...) de *rigidez* do processo mental”. Bateson fundamenta que temos medo de “perder a coerência, a clareza, a compatibilidade e mesmo a *sanidade*, se abandonarmos o obsoleto”. (BATESON, 1986, p. 226).

### **Comunicação: vida em rede**

Até meados do século XX, entendia-se que comunicação era o processo de transmissão de uma mensagem que parte de um emissor para um receptor. Desta forma, o objetivo é que a informação chegue completa e intacta a seu destino. Emissor e receptor compartilham o código em que a informação está representada (WINKIN, 1998).

Uma sociedade, rebanho ou cardume, constituem-se agregando e segregando. A união é construtiva, fundando-se em emissões e captações de sinais, em trocas de informações que vinculam ou desvinculam. A informação reduz a incerteza. Os “rituais de vínculo” são campos de informação, transformam as tensões, incertezas, instabilidades em informação.

Para nos agregarmos precisamos gerar códigos de conduta, comportamentos checados, segurança. Porém, por outro lado, com isso segregamos diferenças que não conseguiram ser cooptadas. Contudo, as diferenças por vezes aparecem, incomodam, despontam.

A recepção de uma mensagem não é apenas, no entanto, uma tarefa de decodificação. As experiências do leitor ou leitora interferem na constituição do significado. O suposto autor ou emissor trabalha com signos sempre incompletos, há sempre uma sobra, uma falta entre o objeto a ser representado e o signo que transmite a recepção. Autor ou emissor, tendo consciência dessa “folga”, pode trabalhar com ela e, ainda, esperar as recepções mais diversas e criativas, como vêm fazendo a arte contemporânea:

se na arte moderna a obra atribui um lugar para o espectador, no caso da arte contemporânea há uma interação entre o espectador e a obra de tal forma que a obra e o espectador só vão existir a partir da relação que se estabelece (PARENTE, 2006, p. 9).

Por vezes não há como afirmar a existência da obra antes da relação com o espectador, e não há espectador antes do encontro, obra e espectador surgem do encontro. Dá-se o mesmo na invenção de si e do mundo. O que remete à “organização autopoietica” definida por Maturana e Varela (2003) como a forma característica dos seres vivos de produzirem a si mesmos de modo contínuo. Não há descontinuidade entre os seres sociais, humanos e biológicos. Os autores enfatizam a desconfiança com as certezas, pois cada um, em conjunto com outros, vê um mundo, e não o mundo.

A perspectiva do diferente precisa ser aceita, pois construímos juntos um mundo. A presença do outro é legítima, e refletir sobre isso é característica da ética:

a esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo – que sempre implica uma experiência nova -, podemos chegar pelo raciocínio ou, mais diretamente, porque alguma circunstância nos leva a ver o outro como um igual, um ato que habitualmente chamamos de **amor (...)** a **aceitação do outro junto a nós** na convivência, é o fundamento biológico do fenômeno social. Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera (MATURANA; VARELA, 2003, p. 269).

Os autores chamam de “cegueira fundamental” não percebermos nossa conexão básica com os outros na construção de nosso mundo. A base da dificuldade atual seria o desconhecimento do conhecer. “Não é o conhecimento, mas sim o conhecimento do conhecimento, que cria o comprometimento” (MATURANA; VARELA, 2003, p. 270).

Ao invés de imaginarmos linhas entre emissores e receptores, seria mais adequado imaginarmos nós em uma rede infinita. Cada mente ao produzir signos é um nó, que se formou em ligações com infinitos outros nós (PARENTE, 2004). Os formatos sígnicos, neste caso, os veículos que levam informações, que representam objetos, parecem ser também infinitos, assim como incomensuráveis são os potenciais receptivos nas mais variadas mentes. Processos comunicacionais ocorrem desde as partículas dos átomos até as esferas cosmológicas. A constância e o movimento de tais processos têm muito a dizer sobre o que a vida é.

Para deixar bem claro: as premissas da teoria comunicacional apresentada, do entendimento de natureza e da teoria *queer* apontam o raciocínio por binarismos como limitado e inadequado à cosmologia atual e aos desafios da contemporaneidade. Estamos em rede no que diz respeito aos signos comunicacionais. Esta afirmação abrange muito mais que assuntos telemáticos. Estamos em rede na experiência da vida, da qual faz parte o mistério (de onde viemos? para onde vamos?). Vida sem fim nem começo, mas vida que continua, se relaciona, cria novos arranjos. Cada conjunto que chamamos de ser vivo é um complexo infinito de relações que realizam a materialidade, morrem, alimentam, respiram, sentem, avaliam. Cada ser estabelece as mesmas relações com seu ambiente, avalia, sente, respira, é avaliado, alimenta a si, torna-se alimento. A sexualidade é uma característica natural e cultural, desafiante aos olhos atuais pois não permite distinguir com clareza os limites de sua filogenética, ontogenética, história e cultura.

Caso possamos compreender que o desejo sexual une corpo e espírito, que a experiência erótica é pulsão de vida, que a repressão da pulsão erótica interrompe relações possíveis e, com elas, possíveis manifestações de vida e outros arranjos afetivos, plenos de possibilidades, caso possamos compreender isso, estaremos prontos a compreender nossa estadia em um todo que é, ao mesmo tempo, biológico, psicológico, cultural, físico, e que, desta forma, não pode mais ser explicado e vivenciado por dicotomias. As possibilidades futuras dependem das leituras que somos capazes de fazer dos textos das vidas, estamos a tecer os textos das vidas, em co-autoria com outras mentes que, inclusive, podem ser mais poderosas.

### **Considerações finais: qual o tempo da rede?**

Comunicação, Sexualidade e Ecologia são arranjos temáticos importantes atualmente. Traçar elementos comuns entre eles mostra possibilidades de pensamento. Esses elementos comuns, se a hipótese apresentada é correta, diz respeito ao questionamento das dicotomias como estratégia de entendimento e explicação. Não mais emissor de um lado; receptor de outro. Não apenas “ser mulher” em oposição a “ser homem”. Não contrapor cultura e natureza.

Não há originalidade em tentar conectar áreas distintas, a distinção é que é uma artificialidade. Lembro da busca pelo “padrão que liga”, de Bateson (1986), e muito antes dele a procura pelo que havia em comum nos fenômenos empreitada por toda a vida de Charles Sanders Peirce (1839-1914), para citar apenas dois pensadores. Tenho por hipótese que o território comum entre ecologia, sexualidade e comunicação que tento aqui alinhar, embora apareça em nossos dias, traz em sua história, em cada uma das trajetórias de cada uma dessas áreas de pensamento, ascendentes que foram excluídos da ordenação do campo de saber e das relações de poder correspondentes.

Em outras palavras, poderíamos encontrar no passado natureza e cultura integradas, assim como o que hoje chamamos de masculino e feminino, ou ainda leitor e escritor compondo a mesma obra, porém tais atitudes saíram do foco ou teriam sido marginalizadas, na mesma proporção em que objetos foram constituídos pelos discursos de poder que os problematizavam, objetos como a sexualidade, a natureza e a comunicação, cada um deles bastante reduzido pelo saber correspondente.

Na perspectiva aqui defendida, o leitor é criador da mensagem; feminino e masculino integram cada ser; cultura não existe sem natureza, e natureza dialoga com arranjos culturais. Precisamos considerar arranjos conceituais que nos façam pensar diferente, algumas palavras geram grande inspiração: rede, conexão, integração. Não faltam pensadores que procuram articular a tendência: Edgar Morin e sua complexidade; a biopolítica de Michel Foucault; o rizoma de Gilles Deleuze e muitos outros.

Apesar de sentar em ombros de gigantes, a perspectiva aqui apresentada situa-se às margens das áreas estabelecidas institucionalmente. Talvez não tenham mesmo como serem centrais neste momento, talvez não seja desejável que o sejam, pois centrais e institucionalizadas são as perspectivas hegemônicas, que estão em nível produtivo e, portanto, conservador.

Norbert Elias (1998) faz a história de como o tempo se tornou o símbolo de uma coerção incontornável. Foi um processo longo e de resultado tardio. O tempo orienta, controla, respeitá-lo é também respeitar a relação com o outro. Peter Pelbart, em escrita de 1993, afirma que “estamos cercados por todos os lados por uma quantidade demente de palavras e imagens”, precisaríamos formar “vacúolos de silêncio” e de imagens. Lembra de tratarmos não do Ser, mas do Entre. Aponta como “iluminados profanos”, ao menos em alguns momentos, os alucinados, videntes, drogados, artistas, psicanalisados. Que têm em comum esses sujeitos? Sabotam o tempo, descarrilam-no, instituem uma “crono-ilógica”. Precisamos admitir o intempestivo, criar a “raça dos intempestores”, aqueles que cometem aberrações temporais.

Parece que desviei o raciocínio do texto, essa é uma possibilidade criativa, mas não é o caso. A qual tempo corresponderia a proposta de pensamento não dicotômico? Conseguir se imaginar mulher-homem, leitora-criadora, animal com alma, é estar fora do tempo?

A lógica binária hierarquizada, classifica, domina, exclui. Sugere-se criar espaço às dúvidas, hesitações, perturbações, estranhamentos. Há sujeitos (de gênero e outros) incoerentes, descontínuos. Não estou a afirmar que somos assim, estou a compartilhar um horizonte.

## Referências

- BAITELLO Junior, Norval. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999.
- BATESON, Gregory. *Mente e natureza*. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1986.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). *Pedagogias da sexualidade. O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas*. Belo Horizonte, ANPED, 2006.
- LOURO, Guacira. *Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 3 ed. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. [original: “Le paradigme perdu: la nature humaine”, 1973].
- MOSCOVICI, Serge. *Natureza: para pensar a ecologia*. Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Gaia, 2007.
- PARENTE, André (Org.) *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PARENTE, André. Entrevista com André Parente. *Psicologia & Sociedade*. v. 16, n. 2, maio/ago. 2004. Entrevista concedida a Cleci Maraschin e Virginia Kastrup.
- PELBART, Peter Pál. *Ecologia do invisível. A nau do tempo rei. Sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Jesús Carrillo, *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, jan./jun. 2004.

SACKS, Oliver. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SILVEIRA, Lauro Barbosa da. *A filosofia como uma forma de diálogo*. Anotações a partir da aula inaugural do curso de Filosofia. UEM, 21 mar. 2005.

SILVEIRA, Lauro Barbosa da. *Pensar é estar em pensamento*. Marília: Mimeo, [s/d]

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação*. Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.

Recebido em: jan. 2017.

Aceito em: maio 2017.

---

*Ana Cristina Teodoro Silva*: Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Docente do curso de Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: [anacristilha@gmail.com](mailto:anacristilha@gmail.com)